

O processo de autoria e as posições discursivas na escrita revolucionária

Carme Regina Schons*
Neuzer Helena Munhoz**

Resumo

Este trabalho pretende investigar como ocorre o processo de autoria quando o discurso sofre interferência do trabalho de edição do sujeito-editor. Para tanto, nos basearemos no aporte teórico da Análise de Discurso de tradição pècheutiana. Temos como *corpus* de pesquisa recortes de duas obras: *Diário de um combatente* de 2012 e *Pasajes de la guerra revolucionária* de 1985, ambas tendo como autor Ernesto Che Guevara. Por questões metodológicas, chamaremos a primeira de ER (edição revista) e a segunda de EP (edição de partida). Nesta pesquisa, compreendemos que os efeitos de autoria circulam pela escrita revolucionária e tomam posições distintas, ou seja, temos a posição-sujeito revolucionária e a posição-sujeito contrarrevolucionária.

Palavras-chave: Autoria. Análise de Discurso. Escrita Revolucionária. Ernesto Che Guevara.

Introdução

A questão da autoria, em uma perspectiva discursiva, é uma continuidade do sujeito, responsável pela organização do sentido e pela unidade de um texto. O autor é posto como uma função da noção sujeito. Como afirma Schons,

[...] escrever implica repetição, que pode ser entendida como retorno ao mesmo, mas que, pelo fato de aparecer em outro lugar e em outro momento, torna-se uma prática única (2005, p. 139-140).

* Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2006). Atualmente é professora do Mestrado e do Curso de Letras da Universidade de Passo Fundo. Email: crschons@gmail.com

** Mestre em Letras pela Universidade de Passo Fundo - PPGL. Atualmente é professora do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Campus Sertão. Email: neuzer-munhoz@gmail.com

Data de submissão: mar. 2015 – Data de aceite: maio 2015

<http://dx.doi.org/10.5335/rdes.v11i1.4954>

A escrita implica a existência de um autor que produz sentidos e entrega-se a gestos de interpretação. Escrever um diário, portanto, implica falar de si e assumir a incompletude do sujeito e do sentido. A escrita, lugar de interpretação, se torna um espaço simbólico em que a memória trabalha. É nesse espaço de articulação entre língua e história, sujeito e discurso, que esse trabalho se propõe a submergir.

O ato de escrever se baseia em repetição, apesar de apresentar um efeito de novidade, o que dizemos reaparece e retorna em outro lugar, em que o sujeito irá organizar os enunciados dispersos no tempo e no espaço, produzindo a textualização dos elementos oriundos do exterior que, ao serem “recontextualizados, se naturalizam, ‘apagando’ as marcas de sua procedência, de sua exterioridade/heterogeneidade/dispersão” (INDURSKY, 2001, p. 31).

Assim, a escrita é uma forma de relação social, em que os elementos não têm marcadas a heterogeneidade e a exterioridade. Conforme Orlandi (2002, p. 233),

[...] a escrita especifica a natureza da memória, ou seja, define o estatuto da memória (o saber discursivo que determina a produção de sentidos e a posição dos sujeitos), definindo assim, pelo menos em parte, os processos de individualização do sujeito.

Dessa forma, apesar de o sujeito organizar os elementos de modo que pareça que a exterioridade foi apagada, aqui o papel da memória será fundamental para que o gesto de leitura possa identifi-

car como o sentido se produziu e/ou qual a posição do sujeito, inclusive a de autor.

Diante disso, este trabalho pretende investigar como se dá o processo de autoria quando o discurso sofre interferência do trabalho do sujeito-editor. Para tanto, utilizaremos o aporte teórico da Análise de Discurso de tradição pêncheutiana. Utilizamos como *corpus* de pesquisa recortes de duas obras: *Diário de um combatente*, 2012 e *Pasajes de la guerra revolucionária*, 1985 ambas de autoria de Ernesto Che Guevara. Por questões metodológicas chamaremos a primeira de ER (edição revista) e a segunda de EP (edição de partida). As sequências discursivas recortadas para este trabalho são aquelas em que a ER faz referência explícita à fonte *Pasajes de la guerra revolucionaria* ou a partes do texto, estabelecendo uma possibilidade de leitura sem a necessidade de recorrer a outros materiais.

Desse modo, este trabalho se divide em duas partes. Na primeira, abordamos as questões de subjetividade, posição-sujeito e forma-sujeito. Na segunda parte, trazemos as sequências recortadas em uma análise entrelaçada com a teoria, abordando o conceito de autoria levando em consideração sua fragmentação em dois efeitos: efeito-sujeito-autor e efeito-sujeito-editor.

Posição-sujeito e forma-sujeito

Quando falamos na autoria dos discursos sobre de quem é a fala e o conteúdo abordado nesses, temos a concepção de que essa pertence ao sujeito, de que é opinião do próprio autor; porém, não é essa a concepção da análise do discurso. Quando se trata do discurso, em relação ao seu autor, o sujeito não pode ser concebido como um indivíduo que fala.

Diante dessa concepção de que o sujeito não é o senhor de sua vontade, mas sofre as coerções de uma formação ideológica e de uma formação discursiva, ou é submetido ao seu inconsciente, surge o conceito de assujeitamento do sujeito como sujeito ideológico. Quando Orlandi afirma que “a ideologia interpela o indivíduo em sujeito e este se submete a língua significando e significando-se pelo simbólico na história” (2008, p. 100), está falando de que, a partir do momento em que o indivíduo entra na linguagem, o homem passa a ser assujeitado.

Com base nessa concepção, Orlandi (2008) aponta dois modos de subjetividade, uma em que o sujeito é interpelado pela ideologia e o sujeito é despossuído, mas também mestre do que diz, constituindo a forma-sujeito (um sujeito histórico no qual se identifica); e outra em que há o estabelecimento (e o deslocamento) das formas de individualização do sujeito em relação ao estado.

Toda prática discursiva está, assim, inscrita no complexo contraditório-desi-

gual-sobre determinado pelas formações discursivas que caracterizam a instância ideológica em condições históricas dadas; e sabemos, ainda, que não existe prática discursiva sem sujeito. Dessa forma, os indivíduos são interpelados em sujeitos falantes por formações discursivas que representam na linguagem as formações ideológicas que lhes são correspondentes. Essa interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se realiza pela identificação desse com a formação discursiva que o domina.

O desdobramento de sujeito da enunciação e sujeito universal pode assumir duas modalidades: do bom sujeito e do mau sujeito. Conforme Pêcheux (1997, p. 215),

[...] a primeira consiste em uma superposição, entre o sujeito da enunciação e o sujeito universal, de modo que a tomada de posição do sujeito realiza seu assujeitamento de forma livremente consentido.

Essa superposição reflete espontaneamente o sujeito, ou seja, o interdiscurso determina a formação discursiva com a qual o sujeito, em seu discurso se identifica, de forma que esse sofre cegamente essa determinação. Já a segunda modalidade, Pêcheux (1997, p. 215) afirma que “o sujeito da enunciação se volta contra o sujeito universal por meio de uma tomada de posição, que consiste dessa vez em uma separação (contestação, questionamento)”. Ele se contraiidentifica com a formação discursiva que lhe é imposta pelo interdiscurso como determinação exterior de sua interioridade subjetiva.

O autor ainda discute uma terceira modalidade em que as práticas de produção dos conhecimentos e a prática política do marxismo-leninismo realizam uma dessubjetivação do sujeito, não anulando a forma-sujeito, mas criando uma transformação-deslocamento da forma sujeito.

Desse modo, é por meio das relações sociais que o sujeito assume em seu discurso uma posição social que pensa ser dele, mas que está ideologicamente afetado. Considerando o que já foi dito a respeito do sujeito podemos dizer que é duplamente afetado: em seu funcionamento individualizado, pelo inconsciente, e em seu funcionamento social, pela ideologia.

Assim como os discursos são constituídos por meio de uma ideologia, de formações discursivas e ideológicas da participação do sujeito, embora de maneira inconsciente por meio do assujeitamento ou da interpelação ideológica, não podemos deixar de falar do papel do político no discurso. Conforme afirma Schons (2006, p. 79),

[...] o político é a materialidade, é a possibilidade não dos modos de subjetivação, mas das posições-sujeito, as quais permitem identificar o modo de sua relação com a exterioridade [...].

Dessa forma, podemos dizer que o político está atrelado ao sujeito e lhe confere uma exterioridade, ou seja, torna-lhe visível e interpretável e proporciona por meio das posições que o sujeito representa em seu discurso perceber suas relações com o externo. Da reflexão sobre sujeito e forma-sujeito, elaboramos o seguinte gráfico:

Gráfico 1 – Constituição do indivíduo em sujeito



Fonte: elaborado pelo autor.

Nesse gráfico, podemos observar a formação discursiva, a linguagem e a formação ideológica afetando o sujeito em via dupla, pois esse se constitui e tem relação com as outras categorias. Desse duplo movimento, resultam duas posições sujeito: efeito-sujeito-autor e efeito-sujeito-editor. A formação discursiva e a formação ideológica afetam tanto a primeira quanto a segunda e estão representadas pelas linhas em direção às posições que apenas em nível de ilustração dividem a mesma caixa. O trabalho do efeito-sujeito-editor não

deixa de ser um gesto de interpretação, de autoria, mas o que está funcionando no discurso é o lugar institucional da editora, assim o lugar social e o lugar discursivo se confundem.

Por compreendermos que os discursos são constituídos por um indivíduo assujeitado por uma ideologia e que a materializa nas formações discursivas com as quais se identifica, consideramos fundamental para este trabalho uma reflexão sobre as posições aqui encontradas, que serão discutidas no próximo item.

Processo de autoria no *corpus*: efeito-sujeito-autor e efeito-sujeito-editor

A função-autor passou por muitas modificações desde que foi percebida na história. Já esteve aliada a uma forma de imortalidade, ou seja, escrever para não ser esquecido, para não morrer intelectualmente, como, também, já esteve aliado ao apagamento completo das individualidades do sujeito que escreve.

Como já mostramos no decorrer da pesquisa, o *corpus* escolhido trata do processo de escrita de um diário, que, conforme Foucault (2002), é ato de escrita que pode ter como objetivo ser uma forma de imortalidade mais do que um apagamento do sentido, e ainda, apresenta grande relevância para o nome que pesa sobre a obra. Como afirma Foucault (2002,

p. 44), “um nome de autor não é simplesmente um elemento de um discurso (que pode ser sujeito ou complemento, que pode ser substituído por um pronome, etc.) ele exerce relativamente aos discursos certo papel: assegura uma função classificativa”, ou seja, podemos reagrupar um número de obras e até mesmo opô-los com base no nome do autor. Mas não apenas isso, sabemos que “se trata de um discurso que deve ser recebido de certa maneira e que deve, numa determinada cultura, receber um certo estatuto” (FOUCAULT, 2002, p. 45).

Dessa forma, Foucault chega à ideia de que

[...] o nome do autor não transita, como o nome próprio, do interior de um discurso para o indivíduo real e exterior que o produziu, mas que de algum modo, bordeja os textos, recortando-os, delimitando-os, tornando-lhes manifesto o seu modo de ser [...] (FOUCAULT, 2002, p. 46).

Assim como sujeito em AD não é o sujeito empírico, mas a posição sujeito projetada no discurso, não é o sujeito físico que funciona no discurso, mas a posição sujeito discursiva, e, se temos um no discurso, no texto o que temos é um autor. Passamos, assim, da noção de sujeito para a de autor. Como afirma Orlandi,

[...] se a noção de sujeito recobre não uma forma de subjetividade, mas um lugar, uma posição discursiva (marcada pela descontinuidade nas dissensões múltiplas do texto) a noção de autor é já uma função da noção de sujeito, responsável pela organização do sentido e pela unidade do texto, produzindo o efeito de continuidade do sujeito (ORLANDI, 1996, p. 68).

Dessa forma, a autora procura estabelecer a autoria como função enunciativa do sujeito, distinta de enunciador e de locutor. A função autor, para Orlandi (1996), não se limita como em Foucault (2002), a um quadro restrito e privilegiado de produtores originais de linguagem, mas se realiza toda vez que o produtor da linguagem se representa na origem, produzindo um texto com unidade, coerência, progressão, não contradição e fim. Essa noção se aplica ao corriqueiro da fabricação da unidade do dizer comum, estabelecendo, portanto, uma correlação entre sujeito/autor e discurso/texto.

As categorias de função-autor, sujeito-autor, efeito-sujeito, posição-sujeito e agora efeito-sujeito-autor se relacionam neste trabalho do seguinte modo: a função autor é o trabalho discursivo do sujeito-autor que organiza e dá um efeito de unidade ao discurso produzindo sentidos. O sujeito-autor pode ser entendido como um lugar social que o sujeito assume como produtor de linguagem e será mais afetado pela exterioridade e pelas exigências de coerência, de não contradição e de reponsabilidade. Quando este “sujeito-autor é afetado pelo imaginário de estar na origem de seu dizer: ele esquece que os sentidos preexistem e supõe-se a fonte única de seu dizer e de seus sentidos” emergindo como efeito-sujeito e produz o “efeito de evidência” por meio do “efeito-texto”. Esse pode ser compreendido como espaço discursivo simbólico porque seu fechamento e sua completude também o são (INDURSKY, 2001, p. 33-34).

O efeito-sujeito-autor, por sua vez, torna-se um trabalho discursivo realizado pelo efeito-sujeito na produção da linguagem que marca a sua posição-sujeito, sua ideologia, seu lugar social, a partir do qual o sujeito-autor produziu seu texto, e seus gestos de interpretação. No caso desta pesquisa o efeito-sujeito-autor marca a posição-sujeito revolucionário, o lugar social do combatente e a ideologia socialista.

As sequências a seguir, foram extraídas da EP – Pasajes de la guerra Revolucionaria –, das passagens “Alegria de Pio” e “Una revolución que comienza”. Os critérios utilizados para o recorte foram as marcas linguísticas que apontam para sujeito do discurso, como “yo-eu” e “mi-meu”, que permitem trabalhar com a noção de posição-sujeito e função-autor. Marcaremos como sequências distintas cada uma delas.

(SD1)

EP: “El compañero **Montané y yo** estábamos recostados contra un tronco, hablando de **nuestros respectivos hijos** (GUEVARA, 1985, p. 10).¹

(SD2)

EP: “Quizás esa fu la primera vez que tuve planteado prácticamente ante **mi** el dilema de mi dedicación a la medicina o a **mi** deber de soldado revolucionario, Tenía delante una mochila llena de medicamentos y una caja de balas, **dejando la mochila para cruzar el claro que me separaba de las cañas**” (GUEVARA, 1985, p. 11).²

(SD3)

EP: “**Mi impresión** casi instantánea, al escuchar las primeras clases, fue la posibilidad de triunfo que veía muy dudosa al enrolarme con el combatiente rebelde, al cual me ligaba, desde el principio, un lazo de romántica simpatía aventurera y la consideración de que **valía la pena morir en una playa extranjera por un ideal tan puro**” (GUEVARA, 1985, p. 5).³

Na SD2, observamos o funcionamento da FD revolucionária e da posição-sujeito revolucionário. Notamos o sujeito num dilema moral dividido entre uma mochila de remédios e uma caixa de balas. Como a formação discursiva permite observar a inscrição de saberes que determinam o que pode e deve ser dito, o sujeito é levado a dizer somente o que lhe é permitido na conjuntura de uma guerrilha, ficando com a caixa de balas e deixando a mochila de remédios. A posição sujeito revolucionário identifica-se com a forma-sujeito da FD revolucionária e, dentro dessa conjuntura, o que pode e deve ser dito, é determinante na tomada de posição, que é “deixando a mochila para cruzar o claro que me separava das canas” (cana de açúcar). Essa forma de subjetivação, como define Pêcheux (2010, p. 199), é o que se designa “bom sujeito”, o qual se identifica com o sujeito universal, a forma-sujeito histórica do revolucionário. O sujeito do discurso está em um dilema entre salvar a vida por meio das balas ou dos remédios, nesse caso, o tipo de revolução se faz com armas, ou seja, re-

volução aqui significa guerrilha. Assim, apesar de o sujeito saber da importância da medicação para o cuidado humano dos feridos, em tempos de guerra, ficar com as balas é a decisão correta.

Por se tratar de anotações do próprio líder, isso possibilita depreender o modo como o sujeito-autor entende que, naquele momento, o alvo maior era a proteção contra o inimigo, destruição dele. De outro modo, demonstra a maneira como o sujeito gostaria de ser visto pelo outro, comprovado pela escrita. As anotações em forma de diário funcionam como prova do que foi realizado naquele momento.

Nas SD1 e SD3 também observamos as marcas do sujeito-autor, principalmente no pronome pessoal “yo-eu”, pronomes possessivos “mi-meu” e “nuestros-nossos”, e na expressão “mi impresión”, denotando o ponto de vista de quem escreve, o posicionamento do autor e sua ideologia na expressão “valía la pena moriren una playaextranjera por un ideal tan puro”. Essas formas em primeira pessoa são próprias do registro pessoal e uma característica da escrita em diário que trazem traços de subjetividade à obra. Entretanto, por se tratar do registro de um líder, o emprego da primeira pessoa pode ser analisado como efeito imaginário sobre o lugar que ele acredita ocupar no momento, o de um comandante em ação.

Evidenciando, dessa forma, que, assim como o sujeito do discurso, a função-autor não denota um indivíduo empírico (ou físico), mas relaciona-se com

o funcionamento dos indivíduos como sujeitos afetados pela ideologia e pelo inconsciente, assim como a função-autor.

A noção de função-autor também é tocada pela história, já que o autor produz um lugar de interpretação no meio de outros, ou seja, o sujeito só se faz autor se o que ele produz for interpretável. Porque assume sua posição de autor, ele produz um evento interpretativo, inscrevendo a língua na história e relacionando a linguagem com o mundo. No caso deste estudo, o sujeito relaciona a guerrilha na Serra Maestra com a escrita de um diário, e busca ser entendido pelo leitor como um líder que inclui o povo. Podemos perceber isso na SD3, quando o sujeito usa da primeira pessoa do plural para falar de assuntos cotidianos, família, filhos, assim como o uso da palavra companheiro, que vê o outro como um amigo, mas também parte do processo revolucionário.

Na SD2, observamos a relação do sujeito com dois lugares sociais: o lugar social de médico e o de combatente, mas o que prevalece é o lugar de combatente. Em relação a SD3, o uso da primeira pessoa marca o envolvimento do sujeito com os ideais socialistas, e o quanto valia a pena defender a revolução. São impressões pessoais sobre aulas socialistas e a questão da rebeldia que demonstram o engajamento do sujeito com o socialismo logo após as primeiras aulas, denotando que algo já pulsava nele.

O processo de autoria move-se entre o dito e o silenciado. Ao dizer, o sujeito-

-autor silencia outros dizeres possíveis. Por isso, “conduzir uma escrita depende, sim, de um olhar, [...] o reconhecimento ou esquecimento depende do trabalho de um sujeito-autor” (SCHONS, 2005, p. 146).

O reconhecimento, dito, e o esquecimento, silenciado, revelam o funcionamento dos mecanismos de controle e delimitação do discurso. Desse modo, o efeito-autoria agrupa e limita o discurso, conferindo unidade e originalidade, sob o efeito de ser “origem do dizer” (esquecimento 1), que é construído pelo ato de assinar. Ao se revelar autor, o indivíduo na função-autor se torna responsável pelo que diz, responde por isso e submete-se ao jogo de reconhecimento e esquecimento de saberes.

Entretanto, partindo do pressuposto que o *corpus* analítico advém de um trabalho editorial, como mencionado na nota editorial do livro, “os escritos foram, então, submetidos a uma revisão exaustiva, e foram utilizadas pesquisas da época que registraram nomes e lugares precisos, com o objetivo de retificar erros ou imprecisões cometidas por Che”, como também “os eventuais erros detectados nesta primeira edição e a ausência de páginas importantes” (GUEVARA, 2012, p. 9), surge a necessidade de discutir outra posição: a do editor, e como essa função do sujeito pode interferir na produção discursiva. Trataremos isso no próximo subitem.

O efeito-sujeito-editor: um gesto de leitura e interpretação

Neste item discutiremos sobre o efeito-autoria no modo de o editor trabalhar o texto para publicação como um gesto de leitura e interpretação. Primeiramente, após pesquisa sobre o grupo editorial que publicou o livro, ressaltamos as suas características principais. De acordo com o *site* da editora, o Grupo Planeta é o primeiro grupo editorial e de comunicação espanhol de capital familiar que lidera uma ampla oferta a serviço da cultura, da formação, da informação e do entretenimento audiovisual. Desde a fundação do editorial Planeta, em Barcelona, em 1949, o grupo, presidido por José Manuel de Lara, combina uma sólida tradição empresarial com uma grande capacidade de inovação e uma vocação claramente multinacional.⁴

A citada fundação, José Manuel de Lara, que foi criada em 1992, tem como objetivo desenvolver atividade de criação, edição e divulgação relacionadas com conteúdos culturais, convocar e conceder prêmios, fomentar todo o tipo de estudos, investigações e publicações que tenham relação com a realidade social e cultural da Andaluzia, organizar eventos culturais e contribuir com o fomento da leitura. Porém, observando as obras publicadas por essa editora, notamos forte presença de literatura não tão ligada ao político o que nos intrigou ver um livro de interesse político, fortemente mar-

cado por conflitos ideológicos, de uma personalidade relevante, com cunho autobiográfico ser vinculado a essa editora.

No *corpus* escolhido, podemos perceber o trabalho de três fontes: do autor, do editor e do Centro de Estudos de Havana, que tem as anotações originais que foram organizadas em forma de diário. Como o Centro de Estudos cedeu para publicações, nas anotações, não identificamos interferências ou referências que pudessem revelar as marcas do estudo desse centro sobre a escrita, deter-nos-nos neste trabalho ao efeito-sujeito-editor produzido pelo sujeito na escrita.

Podemos pensar esse efeito como uma relação eu/tu inscrita em uma dinâmica do sujeito, pois atravessa vários discursos, mas também é atravessado pelo discurso, ou neste caso, na escrita do outro. A essa dinâmica, Orlandi (1988) nomeia como “reversibilidade”. Ainda nas palavras de Orlandi,

[...] é condição necessária de qualquer discurso, vemos que não dá para se estancar as identidades. Já que em termos de representações: 1) não há separação categórica dada a priori, entre o estatuto do eu e do outro; 2) representamos vários papéis (ou temos vários estatutos) ao mesmo tempo (ORLANDI, 1988, p. 12).

Com base nesses apontamentos, a autora se refere a esse “outro que somos nós”, e ao negar o estatuto do outro no dizer, realizamos uma relação de poder no discurso. Neste trabalho vamos a outra direção, já que o autor não sugere uma relação de poder, negando o efeito do trabalho do editor, mas, sim, tem o seu dizer oprimido por esse efeito.

Em Análise de Discurso, o conceito de silenciamento auxilia na compreensão dessa relação entre sujeito e função autoria. O silenciamento se estabelece quando nem tudo pode ser dito, quando coisas são silenciadas. No caso do livro analisado, há estancamento do movimento de interpretação no que se materializa o silenciamento da autoria.

Retomando alguns tipos de silenciamento, temos o silenciamento necessário, inconsciente, que resulta de uma ilusão, como aponta Orlandi, “ilusão de que o sentido nasce ali, não tem história” (1996, p. 72), que não apenas retornam os sentidos, mas também se transformam e se deslocam. O silêncio constitutivo sobre a interpretação (ela se apaga no momento em que se dá) configura a “censura original”, que torna possível o discurso do sujeito, e o silenciamento que Orlandi (1996) chamou de “subproduto do silenciamento necessário”, que a autora configura como plágio. Analisaremos as sequências abaixo para refletir sobre qual tipo de silenciamento irá se enquadrar no efeito editor. Trazemos somente sequências da ER para verificar o efeito-sujeito-editor.

(SD4)

ER: “Nós os esperamos e continuamos lentamente até Água Fria. [Água Fria], onde comemos”. Dia 4 de dezembro de 1956 (GUEVARA, 2012, p. 22).

(SD5)

ER: “Os nomes de lugares e pessoas que Che escreveu de forma incorreta serão corrigidos ao lado, entre colchetes, na primeira vez que aparecem; depois se registrará sempre corretamente”. **Nota de rodapé** (GUEVARA, 2012, p. 22).

(SD6)

ER: “Não houve grandes novidades durante o dia, só a chegada de Bohemia, que trouxe alguns novos nomes de gente que se apresentou [...]” Dia 28 de dezembro de 1956. (GUEVARA, 2012, p. 31).

(SD7)

ER: “Nesta edição se omitem detalhes de alguns juízos de valor de caráter circunstancial. A supressão será indicada por reticências entre colchetes sempre que se considere necessário”. **Nota de rodapé** (GUEVARA, 2012, p. 31).

Nesse conjunto de sequências discursivas, apontamos, inicialmente, que a marca da primeira pessoa plural não se mantém na versão traduzida pela editora Planeta, com exceção da SD4, cujo emprego de “Nós esperamos [...] comemos” aponta para uma maior aproximação com o objeto do texto, que é o acesso ao *Diário do combatente*, os registros de sua vida. Nas demais sequências – de SD4 a SD7 –, há uma alteração para a terceira pessoa, trazendo certo distanciamento. Observamos que em notas de rodapé, como é o caso das SD5 e SD7, por se tratar de notas explicativas e de registros realizados aos olhos do tradutor/editor, o modo de recortar, traduzir as ações

do diário ocorre de forma diferenciada da SD6. Como o título da obra traduzida – ou edição revista, assim por nós designada – faça a promessa de diário, observamos que na SD6 as características da escrita de diário não se mantêm, pois ao empregar expressões do tipo “não houve”, há a omissão do sujeito. Ao trazer “Não houve grandes novidades durante o dia, só a chegada de Bohemia, que trouxe alguns novos nomes de gente que se apresentou [...]”, entendemos que o funcionamento da terceira pessoa do plural, o sujeito da escrita deixa “pistas” do modo como ele gostaria que o outro e ele fossem reconhecidos.

Nessas sequências percebemos como aponta Indursky (2009, p. 120), que “o que está em jogo, nesse campo de conhecimento, é o modo como o texto organiza internamente sua relação com a exterioridade”, ou seja, o efeito-sujeito-editor organiza os saberes do interdiscurso para que produzam um efeito de homogeneidade, amparado na ilusão de ser a fonte de seu dizer, ou seja, o que funciona nessas sequências é o esquecimento nº 1 (PÊCHEUX, 2010). Esse gesto de interpretação é um gesto de autoria relacionado com a identificação ideológica do efeito-sujeito-editor com uma posição-sujeito contrarrevolucionária atribuindo ao dizer, por meio desse esquecimento um determinado sentido rejeitando e apagando os demais.

Embora os fatos recortados sejam os mesmos, tanto na edição de partida como na edição revista, o “arquivamento” não

ocorre do mesmo modo. Nas práticas de arquivamento do eu, Artières (1998, p. 31) afirma que “o arquivamento do eu não é uma prática neutra; é muitas vezes a única ocasião de um indivíduo se fazer ver tal como ele se vê e tal como desejaria ser visto”, assim percebemos que quando o arquivamento é realizado por outros a imagem projetada é de como o outro gostaria que o sujeito fosse visto. Conforme o autor, arquivar a própria vida é “reunir as peças necessárias para a própria defesa, organizá-las para refutar a representação que os outros têm de nós” (ARTIÈRES, 1998, p. 31).

Nesse sentido, o arquivamento realizado pelo efeito-sujeito-editor faz parte da representação que esse tem do efeito-sujeito-autor e não uma representação do próprio sujeito, de como ele é ou gostaria de ser visto, como no arquivamento realizado pelo efeito-sujeito-autor da EP. O efeito-sujeito-editor pode ser, conforme Roudinesco (2006, p. 18), “transbordado pelo excesso de arquivo” em sua interpretação das anotações do sujeito.

Nas práticas do arquivamento do eu, o papel das condições de produção e do destinatário são fundamentais, já que, conforme Artières (1998, p. 32), “sempre arquivamos as nossas vidas em função de um futuro leitor autorizado ou não”. Para o efeito-sujeito-autor esse leitor podia ser ele mesmo, mas como as sequências não têm um caráter marcado de diário, com as datas como títulos na ER, havendo títulos específicos para cada parte, esse arquivamento podia ser para publicar,

porém, o arquivamento da ER destina-se a um público distinto.

Analisando o estilo dos livros publicados pela Editora Planeta, best-sellers e autoajuda, o destinatário da obra *Diário de um combatente* não é restrito àqueles que se identificam com o socialismo e partilham dos mesmos interesses políticos e sociais, pelo contrário, o público a que a obra se destina é as grandes massas. Pessoas com interesses diversos, que compreendem ou não os ideais socialistas e que, pelo caráter de best-seller, estão muito mais próximo dos ideais capitalistas do que de políticas sociais. Observamos, assim, que a escrita do efeito-sujeito-editor traz para o texto posições ideológicas distintas, pois como afirma Indursky (2009, p. 118).

[...] seu autor o faz de um lugar social que é ideológico e, a partir do qual, constitui-se como sujeito. Por conseguinte, o texto pode produzir dissonâncias se examinado a partir de outro lugar social que se oponha àquele que está refletido no texto.

Desse modo, ao contrastar as edições temos o lugar social de editor, de revolucionário e também o lugar do analista de discurso que, por meio de um gesto leitura e análise, pode encontrar as dissonâncias produzidas pelo texto.

Considerações finais

Este trabalho propôs-se a investigar como se dá o processo de autoria quando esse manifesta interferência do trabalho de um sujeito-editor. Ao analisarmos o funcionamento das notas de rodapé, em

Análise do Discurso, pudemos observá-las não como um acréscimo de informações, mas como um discurso paralelo. Argumentamos que o trabalho do editor é de censura, ao negar o percurso já feito pelo autor, reduzindo o movimento dos sentidos. Essa mudança na função da autoria pode ser entendida como um efeito que estanca apenas os sentidos possíveis, mas que demonstra um efeito de texto-guia para o leitor.

Diante disso, essa “condução de leitura” se dá como o silenciamento do plágio, que conforme Orlandi (1996, p. 72), “intervém no movimento que faz a história, a trajetória dos sentidos (nega o percurso já feito) e nos processos de identificação (nega a identidade ao outro, e em consequência, trapaceia com a própria)”. Porém, o efeito-sujeito-editor não pretende negar a identidade de Che Guevara, ao contrário, pretende enaltecê-la, suprimindo talvez um dizer heroico para promover um dizer “criminoso” que pudesse desmerecer a imagem construída do revolucionário.

De acordo com Zoppi Fontana (1991), as notas não se tratam apenas de inserir no leitor informações sobre os fatos, mas na verdade, um receio por parte daquele que comenta, de uma leitura que não reconheça aquele sentido apropriado ou autorizado. O sujeito, na posição de editor, nesse caso, busca certa fidelidade com a escrita do sujeito na EP, mas ao fazê-lo, e na tentativa de particularizar a leitura, produz gestos de autoria. Para Orlandi (1996, p. 69), embora o autor se constitua pela repetição e não instaure

discursividade, “produz, no entanto, um lugar de interpretação no meio dos outros”, ou seja, quando o sujeito produz gestos de autoria, esses são compostos pela repetição e pela interpretação. A repetição não como o mesmo sentido, mas porque funciona o efeito de pré-construído na relação com o interdiscurso.

Conforme Mittmann (2003, p. 127), a inserção de notas de rodapé nos textos se baseia em dois argumentos:

[...] o argumento da falta de clareza do texto e de desconhecimento pelo leitor e o argumento da necessidade da nota, como se esta fosse um prolongamento do texto que comenta.

Essa mudança na função autoria, por meio das notas de rodapé que marcam o sujeito-editor no texto, ao mesmo tempo em que prejudica a interpretação, também cria um mecanismo de censura que “impede a inscrição do leitor em determinados processos de significação”, (MITTMANN, 2003, p. 127) ao tentar “guiar” o leitor e esclarecê-lo quanto aos fatos e pessoas envolvidas na luta armada. O autor, por sua vez, não tem obrigação de fazer esse discurso didático, já que por se tratar de anotações de guerra, ele escreve para si, para criar estratégias, para criar memória.

Porém, como afirma Zoppi Fontana (1991, p. 49), as notas “funcionam sob a aparência da explicitação do implícito, do esclarecimento do confuso, da reposição do ausente”, ou seja, encobrem o sentido ao utilizar a estratégia do “nada de novo”, selecionando alguns sentidos, silenciando outros.

Esse “auxílio intencional”, portanto, falha não apenas por impedir a inscrição do leitor nos processos de significação, mas também porque não auxilia sempre e nem em fatos nos quais talvez fosse necessária a intervenção na escrita do sujeito-autor. Como mencionado anteriormente, neste trabalho, a ER separou os eventos em datas, muitas vezes difíceis de serem encontradas na EP, que tem um texto organizado em capítulo.

Neste trabalho, o efeito de autoria foi trabalhado por meio do efeito-sujeito-autor e do efeito-sujeito-editor. Entendemos que o efeito-sujeito-autor é um gesto de interpretação do sujeito que assume a função-autor, ao passo que o efeito-sujeito-editor se constitui por uma re(interpretação) do arquivo. A noção de arquivo é fundamental para este trabalho, já que temos a movimentação do arquivo do analista, do arquivo do autor e do arquivo que o editor constrói a partir de sua interpretação e leitura. Os efeitos de autoria circulam pela escrita revolucionária e tomam posições distintas, ou seja, neste trabalho temos a posição-sujeito revolucionária e a posição-sujeito contrarrevolucionária.

Desse movimento de interpretação que realizamos sobre as posições-sujeito tomadas pelos sujeitos no discurso constitui a escrita revolucionária. Essa escrita é construída por meio do gesto de arquivar e levando em consideração as condições de produção do discurso. Como o *corpus* era um diário, iniciamos a análise discutindo esse tipo de escrita.

Verificamos então que a escrita revolucionária está afetada pela relação com o outro e com a ideologia socialista, mas que, se baseando apenas na questão da forma de diário, não teríamos subsídios para determinar como essa escrita se construiu. AAD proporcionou esse olhar para o diário que nos permitiu constituir uma escrita revolucionária com características centradas na materialidade discursiva e não na forma.

The process of authorship and the discursive positions in the revolutionary writing

Abstract

This paper intends to investigate how the process of authorship occurs when the discourse suffers interference from a subject-editor's edition. In order to do so, for our theoretical basis we will use Pêcheux's Discourse Analysis. Our corpus for the research consists of selected parts of two works: *Diary of a combatant* (Diário de um combatente - 2012) and *The African Dream: The Diaries of the Revolutionary War in the Congo* (Pasajes de la guerra revolucionaria - 1985), both of them having Che Guevara as the author. For methodological reasons, we will call the first one ER (Revised Edition in Portuguese) and the second on EP (Starter Edition in Portuguese). In this research, we learned that the effects of authorship go through the revolutionary writing and that they take different positions, that is, we have the re-

volutionary subject-position and the counter-revolutionary subject-position.

Keywords: Authorship. Discourse Analysis. Revolutionary Writing. Ernesto Che Guevara.

Notas

- ¹ O companheiro Montañé e eu estávamos encostados em um tronco, falando de nossos respectivos filhos.
- ² Talvez essa fosse a primeira vez que tive explanado praticamente diante de mim o dilema de minha dedicação à medicina ou meu dever de soldado revolucionário. Tinha diante uma mochila cheia de medicamentos e uma caixa de balas, deixando a mochila para cruzar o clarão que me separava das canas.
- ³ Minha impressão quase instantânea, ao escutar as primeiras aulas, foi a possibilidade de triunfo que via muito duvidosa ao me envolver com um combatente rebelde, ao qual me ligava, desde o princípio, um laço de romântica simpatia aventureira e a consideração de que valia a pena morrer em uma praia estrangeira por um ideal tão puro.
- ⁴ Informação disponível em: <<http://www.editoraplaneta.com.br/>>.

Referências

- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Portugal: Veja/Passagens, 2002.
- GUEVARA, Ernesto Che. *Pasajes de la guerra revolucionaria*. La Habana, Cuba: Editorial de Ciencias Sociales, 1985. 287 p.
- GUEVARA, Ernesto Che. *Diário de um combatente*. Trad. de Dafne Melo. São Paulo: Planeta, 2012. 352 p.
- INDURSKY, Freda. Da heterogeneidade do discurso à heterogeneidade do texto e suas implicações no processo de leitura. In: ERNEST PEREIRA, Aracy; FUNCK, Susana Bornéo (Org.). *A leitura e a escrita como práticas discursivas*. Pelotas: Educat, 2001. p. 27-43.

_____. A escrita à luz da Análise do Discurso. In: CORTINA, Arnaldo; NASSER, Silva M.G.C. *Sujeito e Linguagem*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. p. 117-131

MITTMANN, Solange. *Notas do tradutor e processo tradutório: análise e reflexão sob uma perspectiva discursiva*. Porto Alegre: Ed. da Ufrgs, 2003.

ORLANDI, Eni. *Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. A incompletude do sujeito. *Série Cadernos PUC*, São Paulo: Educ, n. 31, p. 9-16, 1988.

_____. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. 3. ed. Campinas: Pontes, 2008. 218 p.

_____. *Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2002.

PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2010.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, C. (1975) A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: _____. GADET, Françoise; HAK, Tony. (Org.). *Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 163-252.

ROUDINESCO, Elisabeth. O poder do arquivo. In: _____. ROUDINESCO, Elisabeth. *A análise e o arquivo*. Trad. de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006. p. 7-27.

SCHONS, Carme Regina. Escrita, efeito de memória e produção de sentido. In: SCHONS, Carme Regina; RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker; ZANDWAIS, Ana (Coord.). *Questões de escrita*. Passo Fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2005. 200 p.

SCHONS, Carme Regina. “Adoráveis” revolucionários: produção e circulação de práticas político-discursivas no Brasil da Primeira

República. 2006. 283 p; Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

ZOPPI FONTANA, Monica Graciela. Os Sentidos Marginais. In: *Leitura: Teoria e Prática*, Campinas, v. 18, ano 10, p. 48-58, dez. 1991.